

ELIANE MARTA TEIXEIRA LOPES

Doutora em Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora Titular da Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: emtlopes@uai.com.br.

LUCIANO MENDES DE FARIA FILHO

Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo. Professor Titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: lucianom@fae.ufmg.br.

AS TENSÕES QUE PRESIDRAM A CONSTRUÇÃO DA CIÊNCIA MODERNA E OS MODOS CONTEMPORÂNEOS DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO - ISAIAS PESSOTTI

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar as relações entre literatura, história da ciência e relação com conhecimento nos romances históricos escritos pelo cientista e professor brasileiro Isaias Pessotti. Para tanto, problematizamos a literatura como fonte para a história, estabelecemos o contexto de aparecimentos das obras e os indícios que apresentam para uma análise histórica da ciência e do conhecimento. O trabalho analisa, mais especificamente, os romances *Aqueles cães malditos de Arquelau* (1993) e *Manuscritos de Mediavilla* (1995) em que o autor constrói tramas que põem em movimento e em relações, personagens que mantêm estreitas relações com os modos, científicos ou não, da produção de conhecimentos. E, mais do que isto, as histórias construídas por Isaias Pessotti buscam, também, dialogar com a história das ciências, oferecendo ao leitor a possibilidade de conhecer as tensões que presidiram a construção da ciência moderna e os modos contemporâneos de produção do conhecimento científico.

Palabras-clave: Conhecimento científico. Ciência moderna. Isaias Pessotti.

THE TENSIONS THAT PRESIDED THE DEVELOPMENT OF MODERN SCIENCE AND THE CONTEMPORARY MODES OF SCIENTIFIC KNOWLEDGE PRODUCTION - ISAIAS PESSOTTI

ABSTRACT

The objective of this paper is to analyze the connections among literature, the history of Science and the relations with knowledge in the historical novels written by the Brazilian scientist and professor Isaias Pessotti. To this end, we problematized literature as a source to History, established the context of the novels emergence and the indications they present for a historical analysis of Science and knowledge. This paper specifically analyses the novels *Aqueles cães malditos de Arquelau* (1993) and *Manuscritos de Mediavilla* (1995) in which the author builds plots that put in motion, and in connection, characters that keep close relation with the modes, scientific or not, of knowledge production. And, more than that, the stories built by Isaias Pessotti also seek to dialogue with the History of Sciences, offering the reader the possibility to understand the tensions that presided the construction of modern Science and the contemporary modes of scientific knowledge production.

Keywords: Scientific knowledge. Modern sciences. Isaias Pessotti.

LES TENSIONS QUI ONT GUIDÉ LA CONSTRUCTION DES SCIENCES MODERNES ET DES MODES CONTEMPORAINS DE PRODUCTION DE CONNAISSANCES SCIENTIFIQUES – ISAIAS PESSOTTI

RESUMÉ

Ce travail vise à analyser les relations entre la littérature, l'histoire de la science et la relation avec la connaissance dans les romans historiques écrits par le scientifique brésilien, le professeur Isaias Pessotti. À ce titre, nous avons placé la littérature comme une source de l'histoire, en établissant le contexte de l'apparition des œuvres et les indices qu'elles présentent pour une analyse historique de la

science et du savoir. Le travail analyse, plus spécifiquement, les romans *Aqueles cães malditos de Arquelau* (1993) et *Manuscritos de Mediavilla* (1995) dans lesquels l'auteur construit des intrigues qui mettent en mouvement et en relation, des personnages qui entretiennent des relations étroites avec les modes scientifiques ou non de la production de la connaissance. En plus, les histoires construites par Isaias Pessotti cherchent aussi à dialoguer avec l'histoire des sciences, en offrant au lecteur la possibilité de connaître les tensions qui ont guidé la construction des sciences modernes et les moyens contemporains de production des connaissances scientifiques.

Mots-clés: Connaissance scientifique. Sciences modernes. Isaias Pessotti.

INTRODUÇÃO

Em 1933 nasceu, em São Bernardo do Campo (o que mais tarde viria a ser conhecido como o B do ABC paulista¹), estado de São Paulo, Isaias Pessotti. Os anos 1930 e 1940 no Brasil não foram fáceis – e bem cabe a pergunta: algum foi? Em um contexto internacional adverso, o *crash* da bolsa de New York levando a uma primeira e grave crise do capitalismo, as elites oligárquicas, herdeiras ainda do Império, freavam a modernização da economia e as camadas populares sofriam o impacto de governos que não criavam políticas sociais e nem davam atenção a setores sociais emergentes (classes médias e militares). Uma “revolução” de inspiração liberal mas com a ajuda de setores militares, inaugura a década levando ao poder Getúlio Vargas, fazendeiro gaúcho, que passa à história como “pai dos pobres” em função das várias políticas sociais estabelecidas em seus 15 anos no poder. Entre outros pontos propunha-se a instituição do voto secreto, o estabelecimento de uma legislação trabalhista e o desenvolvimento da indústria nacional.

Os tempos ficariam piores: a Europa promove e assiste a ascensão do nazismo e à Segunda Grande Guerra, na qual o Brasil passa de uma situação de simpatizante a de participante, mesmo que internamente pratique uma ditadura coercitiva e muitas vezes feroz. O fim da guerra, com a derrota do nazi-fascismo, repercutiria no Brasil trazendo o fim da ditadura e a abertura à democracia, com as disputas eleitorais entre partidos de esquerda (como o Partido Comunista Brasileiro – PCB), liberais e de direita. Como sempre de curta duração, o processo histórico de democratização no país é interrompido e o PCB, em 1947, tem o seu registro cancelado. Em 1948, deputados e senadores são caçados e todos os comunistas passam a sofrer retaliações e a serem perseguidos pelo Governo do Marechal Dutra e todos os outros que virão.

Quando Isaias Pessotti se forma na Universidade de São Paulo em 1955, Juscelino Kubitschek havia sido eleito presidente da República, tendo tido como véspera o suicídio daquele que havia sido reeleito pelo voto popular, Getúlio Vargas, e como futuro um novo golpe militar.

**ELIANE MARTA TEIXEIRA LOPES
LUCIANO MENDES DE FARIA FILHO**

AS TENSÕES QUE PRESIDIRAM A
CONSTRUÇÃO DA CIÊNCIA MODERNA E OS
MODOS CONTEMPORÂNEOS DE PRODUÇÃO
DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO - ISAIAS
PESSOTTI

1. O ABC paulista é parte da Região Metropolitana de São Paulo, tradicionalmente industrial, porém com identidade própria, composta pelos municípios Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano.

A Universidade de São Paulo (USP), a mais conceituada universidade brasileira, antecedida por institutos e faculdades isolados desde 1827, teve a primeira sessão do Conselho Universitário em 1934. Isaias Pessotti se formou em Filosofia na “Maria Antônia”, nome da rua que abrigava o prédio da Faculdade de Filosofia, onde começou sua carreira docente como professor de Psicologia. Criado o Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo, sob a direção do Professor Fernando de Azevedo, aí trabalhou por quatro anos. É preciso que se diga que nossos melhores intelectuais se empenharam nesse projeto criado em 1955 e, liderados por Anísio Teixeira, acreditavam que “[...] as práticas educacionais alcançariam condições científicas na medida em que se utilizassem do instrumental teórico e metodológico próprio das ciências sociais para a investigação e reflexão a respeito de seus problemas” (FERREIRA, 2001, p. 7).

Em 1960 Pessotti retoma suas atividades docentes no campo da Psicologia, e em 1964 recebe uma bolsa de estudos para se aperfeiçoar em Milão, cidade que seria cenário de alguns de seus romances sobre os quais falaremos adiante. Volta ao Brasil para lecionar, por curto período, na recém-criada Universidade de Brasília. Após o cerco a esta instituição, em 1968, cujo arrojado projeto pedagógico, em 1962, deve-se ao antropólogo Darcy Ribeiro, Pessotti volta a Milão onde permanece, intermitentemente, até 1970. Defende a tese de doutorado em psicologia: *Discriminação condicional em Melipona Micheneria Rufiventris Lepeletir*, também na USP, em 1969, orientado por Carolina Bori². Escreveu muitos livros, artigos e capítulos de livros e em jornais. Seu curriculum na Plataforma Lattes³ foi atualizado por ele mesmo em 2008. O foco em seus artigos acadêmicos é a psicologia, a psiquiatria, com ênfase na história da loucura.

Dentre as múltiplas, mas convergentes atividades que exerceu, nosso personagem/autor foi professor titular da cátedra de Metodologia Científica (em Psicologia) da Universidade de Urbino (Itália), em 1997, data que coincide com a publicação de seu último romance. Transparece, assim, ao lado de suas fascinantes histórias, um ensino sobre uma certa forma do trabalho investigativo que é o que a Metodologia busca a ensinar.

Seus anos na Itália, especialmente em Milão e em Urbino, permitiram-lhe uma intimidade, mais que conhecimento, com a região do *mezzo* norte da Itália, que abre para seus leitores a possibilidade de uma viagem gastronômica, paisagística, de costumes, de beleza e de conhecimento com as quais, todas juntas, poucas vezes nos deparamos em outros romances. Os romances são narrados na primeira pessoa e descrevem situações em que a convivência acadêmica e a busca da verdade revelam uma forma de produção do conhecimento em que saber e sabor são indissociáveis. E neste momento introduz-se, mesmo sem ser convidado, Roland Barthes com sua magnífica aula, proferida ao ser em empossado no *Collège de France*:

**ELIANE MARTA TEIXEIRA LOPES
LUCIANO MENDES DE FARIA FILHO**

AS TENSÕES QUE PRESIDIRAM A
CONSTRUÇÃO DA CIÊNCIA MODERNA E OS
MODOS CONTEMPORÂNEOS DE PRODUÇÃO
DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO - ISAIAS
PESSOTTI

2. Sob o título *Minha Chefe, Dona Carolina, On-line version*, ISSN 1678-5177. *Psicol. USP* vol. 9 n. 1 São Paulo 1998, Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65641998000100053>>, escreveu um interessante artigo que revela sua opinião sobre a universidade que não é mais a de seu tempo.

3. Base de currículos pessoais/profissionais mantida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, órgão do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) do Brasil.

Há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe: isso se chama pesquisar. Vem talvez agora a idade de uma outra experiência, a de desaprender, de deixar trabalhar o remanejamento imprevisível que o esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, das culturas, das crenças que atravessamos. Essa experiência tem, creio eu, um nome ilustre e fora de moda, que ousarei tomar aqui sem complexo, na própria encruzilhada de sua etimologia: *Sapientia*: nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível (BHARTHES, 1977, p. 45).

A primeira frase do primeiro capítulo de *Aqueles malditos cães de Arquelaú* (1993), já anuncia que é pouco convencional o tipo de pesquisa realizada no Instituto Galilei:

Qualquer pesquisador sabe que, para obter financiamentos, é preciso que seu trabalho conduza a “avanços tecnológicos de vanguarda” ou “resultados relevantes para a realidade nacional na área em apreço”. Como se verá, o nosso trabalho, diante desses critérios, era de fulgurante inutilidade (PESSOTTI, 1993, p. 7).

O Instituto Galilei descrito e desenhado pelo autor⁴ abrigava pesquisadores de áreas diferentes e funcionava em uma velha abadia cuja igreja se mantinha conservada. Ademais, uma magnífica biblioteca, nove salas de trabalho para cada pesquisador, uma copa, banheiros, depósito, o claustro, a sala do diretor e de sua secretária, por onde passavam os contratos, os interesses, honrarias e eram assinados os cheques que pagavam mal os pesquisadores. Na opinião desses pesquisadores, ao contrário de si mesmos, os que trabalham extramuros têm outra marca e ambições assim anunciadas: “Estavam lutando a ferro e fogo por posições de relevo, lucro ou prestígio acadêmico naquela espécie de guerra que é a desgraça ou a graça da vida universitária. Nós éramos, sejamos francos, desertores” (PESSOTTI, 1993, p. 17).

As *drammatis personae* principais, como as descreve o narrador, são: Anna, 33 anos, pesquisava literatura e teatro grego desde os 18 anos, lia grego correntemente mas não o latim; Mauro Adami, 34 anos, 10 deles dedicados à psiquiatria e à teoria da sedução em Freud; Tulio, 40 anos, estudava conceitos de deficiência mental; Beatrice Bonomi, estudava a história do movimento muscular ou comportamento motor; Lorenzo Crivelli Duci, 45 anos, erudição notável em história etrusca, afrescos do século XIII, história da medicina e vasto conhecimento sobre o que restava ainda de igrejas, paróquias, abadias.

Finalmente, eu, Emilio Donatelli, vêneto de Cordignano, bacharel em Filosofia, uma cátedra de Psicologia, muitos artigos publicados, um livro sobre a ansiedade, sucesso de crítica e fracasso de bilheteria (como o autor). Míope, em vários sentidos (PESSOTTI, 1993, p. 14-16).

**ELIANE MARTA TEIXEIRA LOPES
LUCIANO MENDES DE FARIA FILHO**

AS TENSÕES QUE PRESIDIRAM A
CONSTRUÇÃO DA CIÊNCIA MODERNA E OS
MODOS CONTEMPORÂNEOS DE PRODUÇÃO
DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO - ISAIAS
PESSOTTI

4. PESSOTTI, 1993, confira planta baixa na página 13.

Esse, que se apresenta como Emílio, o narrador da trama, tem as mesmas qualificações acadêmicas do autor, Isaias Pessotti, que não deixa dúvidas de que um é o outro, ou seja, o autor faz de si o narrador para falar algo de si, o autor.

OS CÃES

Aqueles cães malditos de Arquelau (1993) não é um livro fácil de ser resumido, como era minha intenção inicialmente. Há duas tramas, uma decorrente da outra. A partir de uma reunião informal para discutir-se o parecer com duras críticas a um artigo de Emilio, em uma *trattoria de aldeia, honesta e tranquila*, tudo regado a bom vinho acompanhando uma *fagianella e penne all'arrabiata* (PESSOTTI, 1993, p.18), estabelece-se uma discussão epistemológica, de interesse à produção de conhecimento de qualquer área. Por exemplo, a diferença entre a história da ciência, como o estudo crítico do processo de produção do saber científico e a história do conhecimento como o estudo do produto desse processo: o saber resultante (PESSOTTI, 1993, p. 24). As precisões dos conceitos de conhecimento, ciência e saber são trazidas pela epistemologia e pela filosofia, mas também pela psicanálise e mesmo pela educação, ou ciências da comunicação e da informação. Mas existe também, como foi lembrado, o saber codificado, registrado para sempre em uma certa linguagem, *encerrado e vivo nas bibliotecas e nas gravações, nas fórmulas e equações, nas pranchas de Vesalio ou nos antifonários de Isabella* (PESSOTTI, 1993, p. 25). A escrita ou o escrito é aquilo sem o que nada mais existiria.

Mas como, tanto na investigação científica como na investigação policial, uma coisa leva à outra; são os traços, os sinais, os vestígios que levam ao desvendamento, e os comentários epistemológicos sobre genética, genealogia do conhecimento, gênios e genialidade (PESSOTTI, 1993, p. 44), levaram-nos a uma disposição para novas situações e novos desafios. O convite feito por Bruno aos “avulsos” (os que não tinham marido, mulher, ou outros compromissos assumidos e cobrados nos fins de semana) era no mínimo estranho: *Vamos ver minha tia* (PESSOTTI, 1993, p. 47). As brincadeiras e gozações em torno do inusual convite se estenderam até o esclarecimento: visitar uma antiquíssima *Villa* no Piemonte, fechada há vários anos, explorá-la, saber o que havia dentro, o que resistiu ao tempo e aos maus tratos. Eis um pequeno trecho para nos dar ideia de como trabalhavam “os desertores”:

Vai quem quer. A região é linda e vale o passeio. Na pior das hipóteses respiramos ar de montanha, bebemos o melhor espumante do país e dormimos em um hotelzinho simples, antigo castelo de caça dos Savoia, depois de um jantar com presunto de javali acompanhado de Barolo ou de Barbera do melhor que há (PESSOTTI, 1993, p. 49).

A exploração da *Villa*, os personagens que ali convivem e trazem informações de há séculos, a maneira como foi conservada, o que cada um dos pesquisadores contribui para um entendimento de o que poderia ter havido é, em si, uma parte da narrativa, a outra parte é o que havia

**ELIANE MARTA TEIXEIRA LOPES
LUCIANO MENDES DE FARIA FILHO**

AS TENSÕES QUE PRESIDRAM A
CONSTRUÇÃO DA CIÊNCIA MODERNA E OS
MODOS CONTEMPORÂNEOS DE PRODUÇÃO
DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO - ISAIAS
PESSOTTI

dentro da *Villa*. A *Villa* tinha sido a casa de verão de grandes senhores, de bispos e princesas, cenário de concertos, peças teatrais, glórias, pecados e crimes; era um bloco imponente, com dois andares muito altos e a fachada era branca e longuíssima. Mas, é claro, o interesse desse grupo era outro: achar livros, cartas, o que fosse, bibliomaníacos irrecuperáveis que eram. O desenrolar do mistério lhes daria uma coisa e outra. Na *Villa* um teatro e uma capela dominavam os espaços: “a imagem de um bispo, à frente de seu tempo, hesitando entre a capela e o teatro. Ou a conciliar, numa síntese genial, dogma e invenção, coerção e liberdade, prazer e norma ou outras dicotomias do gênero. Uma figura trágica, na mais pura acepção do termo” (PESSOTTI, 1993, p.71). Já que ainda não havia procura, pois quando se procura sabe-se o que, foram de achado em achado, e em papéis picados por ratos que forravam o ninho de uma galinha, a primeira surpresa: as *Geórgicas* de Virgílio⁵: “Há os que penetram mares ignotos/ E a ferro invadem as cortes dos potentes/ Outros abatem cidades e demolem lares/ Apenas por beber em preciosa taça/E adormecer em púrpura de Tiro”. (PESSOTTI, 1993, p. 76) A primeira impressão desse longínquo bispo era construída: “era dessas pessoas que sabem combinar o refinamento e a singeleza, o intenso e o belo ou a paixão e a doçura”. (PESSOTTI, 1993, p. 80)

Na busca por Virgílio, encontram o manuscrito que desdobrará outra história dentro da história. Atrás de uma parede, no forro da tribuna, em um alçapão, livros! “Aquela tábuas, habitada por Clio e pelo fauno, era uma porta para o mistério, talvez o pecado” (PESSOTTI, 1993, p.100). Vinte ou mais volumes, grossos ou finos, encadernados, sem capas, com capas de madeira, de couro de pele de carneiro. O momento exigia calma, mas foi o que não tiveram, o alçapão se fechou e ficaram com três tesouros, apenas. As *Geórgicas*, um *Commentarium*... etc do qual naquele momento não se sabia grande coisa e o volume que se tornaria nas mãos de Anna, a especialista em teatro grego, a maior das conquistas: a primeira tradução em latim de Hipólito, feita, possivelmente pelo bispo. Vale a pena reproduzir o diálogo:

- Depois da experiência de hoje, quem se habilita a escrever algo como Teoria da Descoberta?
- Depende. Vale falar de estratégias, intuição, ou você quer uma lógica da descoberta?
- Aceito os dois enfoques. Você escreve?
- Deus me livre. Perguntei só por curiosidade.
- Eu aceito escrever, em coautoria, se cada um conseguir explicar, em termos epistemológicos, como chegou à descoberta do Virgílio na tribuna (PESSOTTI, 1993, p. 104).

O *Commentarium*, que pelas deduções teria sido escrito pelo bispo Lutércio por volta de 1410, se transformaria na história dentro da

**ELIANE MARTA TEIXEIRA LOPES
LUCIANO MENDES DE FARIA FILHO**

AS TENSÕES QUE PRESIDIRAM A
CONSTRUÇÃO DA CIÊNCIA MODERNA E OS
MODOS CONTEMPORÂNEOS DE PRODUÇÃO
DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO - ISAIAS
PESSOTTI

5. As *Geórgicas* são um conjunto de quatro livros escritos por Virgílio em que é comentado o mundo rural numa perspectiva bucólica. Do latim georgica, *órum* é poema que trata de agricultura, este do grego *geórgikós, é,ón* concernente à agricultura ou ao agricultor.

história. História contra a injustiça, falsidades, reacionarismos: *De falsis in Euripidem...*

Eu era o primeiro leitor, em vários séculos, de um texto absolutamente inédito, único e, mais que tudo, obra de um autor genial cujo o nome era um mistério e que me fascinava. Mais ainda o texto versava sobre Eurípedes, que sempre considerei uma das maiores figuras do gênero humano. [...] O conhecimento deve ter alguma paixão erótica (PESSOTTI, 1993, p. 129).

O detetivesco e a curiosidade prosseguem na visita. No detetivesco há muitas perguntas, a valorização de pequenos traços, sinais, pistas deixadas pelo passado na tentativa de fazer o perfil desse homem que se deixava ver apenas na sombra. Quem é/foi esse bispo vermelho que amava a beleza, um homem de grande paixão? “Vamos cercar o problema por todos os lados. Qualquer pista pode servir” (PESSOTTI, 1993, p. 132). Entre o prazer do desfrute da beleza, a tentação do enigma.

Mas havia a curiosidade, essa palavra. Relegada a ser coisa malsã, futrica, invasão de privacidade e outras que tais, a curiosidade revela o que há de melhor em nossa atividade de pesquisadores, sendo ela mesma a investigação. Permitam-me uma digressão etimológica e analógica, um pouco de miscelânea de línguas latinas. A família etimológica é de *cura* que é (*soin*) cuidado, desvelo, mas também (*souci*) preocupação, inquietação. *Curare* é cuidar, limpar e tomar conta. Em italiano quando se diz a *cura de*, dizemos em português *sob a guarda, sob os cuidados, ou ainda, realizado por*. Do latim *curiositas, átis*, “desejo de conhecer” e por metonímia, informação tão interessante quanto surpreendente. A curiosidade é esse desejo intenso de ver, ouvir, conhecer, experimentar algo novo, original, desconhecido. Isso nos leva a que curiosidade se encaixe, analogicamente, nas palavras que exprimem faculdade cognitiva e exprimem a condição anterior à operação do entendimento: desejo, ardor, *sede de penetrar os recônditos arcanos da sciencia*, que também leva ao seu contrário: à quebra de regras (SPITZER, 1936). No dicionário de espanhol aparece como sentido figurado: *sarar* uma paixão (ALMOYNA, 1951). Como se vê é mesmo nas palavras que nosso trabalho de investigadores curiosos se encerra.

E é assim que nossos investigadores, nossos pesquisadores, vão definir seu trabalho:

A nossa investigação, embora desordenada, era fecunda e até segura. Ela não seguia um método. Seguia uma paixão. E pensei então que a objetividade talvez seja o melhor caminho para descobrir e explicar conceitos ou doutrinas. Mas quando se trata de descobrir e entender figuras do passado, pessoas, uma certa dose de paixão ilumina detalhes que a mera racionalidade não enxerga (PESSOTTI, 1993, p. 172).

E é a paixão que o filósofo Renato Janine Ribeiro ressalta na orelha do livro: “A paixão e o conhecimento da paixão: esses motivos modulam o romance de estreia de Isaias Pessotti”. Apesar da etimologia do latim tardio,

**ELIANE MARTA TEIXEIRA LOPES
LUCIANO MENDES DE FARIA FILHO**

AS TENSÕES QUE PRESIDIRAM A
CONSTRUÇÃO DA CIÊNCIA MODERNA E OS
MODOS CONTEMPORÂNEOS DE PRODUÇÃO
DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO - ISAIAS
PESSOTTI

passio,ónis, paixão, passividade; sofrimento, nada impulsiona mais à ação, ao desejo de saber que a paixão pelo objeto que não é necessariamente aquele que se mostra buscando uma revelação mas talvez aquele que se enovela, se esconde sob o que se sabe ou que se busca saber.

Mas dizer “paixão pelo conhecimento” não é o mesmo que dizer “paixão do conhecimento”. Eu, ou qualquer uma das pessoas que fazem do verbo ação, posso ter paixão pelo conhecimento (BURKE, 2003, p. 19)⁶, mas se digo “paixão do conhecimento” acredito que o conhecimento tenha lá suas paixões. Se “O conhecimento deve ter alguma paixão erótica” (PESSOTTI, 1993, p. 129), está presente a paixão por Eros, filho de Poenia e Recurso, pelo que herda de seus pais, a eterna falta e o excesso. Paixão por aquele escolhido para aquela paixão: não é verdade que muitas vezes é o objeto que nos escolhe e não nós que os escolhemos? Tomo emprestadas algumas palavras do filósofo:

A paixão assim atravessa os tempos: Eurípedes, o bispo italiano e os jovens estudiosos têm em comum uma escuta atenta aos diversos registros da paixão [...] a paixão e o conhecimento se unem no que há de mais nobre: a descoberta. Todos sabemos o que pode haver de lento, demorado e mesmo frustrante no conhecimento: mas, por vezes, ele se anima, com um fogo sagrado, que somente o cintilar de uma descoberta ou a revelação do dissimulado são capazes de proporcionar. E é essa mesma chama que aparece na paixão quando, em vez de simples desvario, de mera patologia, ela consegue trazer o diferente, o novo. A pessoa apaixonada descobre dimensões de que nem suspeitava (PESSOTTI, 1993, p. 129).

A dimensão política é ressaltada: o autor, Isaías Pessotti, consegue criticar de forma dura e ao mesmo tempo zombeteira os poderes deste mundo desde a Grécia antiga. “Uma crítica eficaz, e que consegue o difícil feito de ser conduzida por essa rara aliança da razão com a paixão” (PESSOTTI, 1993, p. 130). A paixão pela falta.

O MANUSCRITO

O livro *Manuscrito de Mediavilla* foi publicado em 1995 pela mesma Editora 34. Nele, Enrico, o protagonista e narrador, nos faz acompanhar as aventuras da equipe de professores e pesquisadores do Departamento de História Medieval do Instituto Agostino Gemelli, em Milão, nas investigações que empreendem para decifrar um código secreto inscrito num manuscrito e o que lhes parecia ser o estranho formato de uma igreja medieval.

Ambos os casos chegam até eles pelo acaso. No caso do manuscrito, o problema surge quando a editora (Clara) da revista do Instituto publica um fragmento de texto na capa do periódico e, sem querer, provoca o interesse de dois famosos medievalistas pelo mesmo. Eles pedem infor-

**ELIANE MARTA TEIXEIRA LOPES
LUCIANO MENDES DE FARIA FILHO**

AS TENSÕES QUE PRESIDIRAM A
CONSTRUÇÃO DA CIÊNCIA MODERNA E OS
MODOS CONTEMPORÂNEOS DE PRODUÇÃO
DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO - ISAIAS
PESSOTTI

6. Por uma questão de conveniência este livro usará o termo “informação” para o que é relativamente “CRU”, específico e prático, e conhecimento para denotar o que foi “cozido”, processado ou sistematizado pelo pensamento.

mações sobre os originais, que ela não tem. Entre intrigada com o interesse e a raiva provocada pelos comentários de um deles, ela acaba por envolver toda a equipe na busca do manuscrito e, sobretudo, mobiliza-os para ajudá-la a entender porque um simples fragmento de manuscrito despertara tanto interesse de dois reconhecidos pesquisadores.

O caso da igreja medieval é diverso: o pesquisador-historiador da arquitetura e membro da equipe, Sandro, viu em um programa de televisão, uma referência às ruínas de uma igreja gótica na Úmbria. A reportagem desperta o seu interesse por se tratar da primeira igreja naquele estilo construída na região. Ele, então, convida os membros da equipe a fazer um passeio e visitar as ruínas – fácil lembrar das ruínas da Villa. Chegando lá, ficam intrigados com o formato da igreja e fascinados com a biblioteca de um mosteiro próximo onde são guardados centenas de manuscritos medievais.

A partir desses acasos, a equipe mobiliza todo o seu conhecimento de arquitetura, línguas, história da igreja, história da filosofia e história da ciência para desvendar os mistérios que, ao longo da trama, vão se mostrando mais articulados do que se poderia supor inicialmente. *Só aos poucos o escuro é claro...*

Tanto na construção do enredo quanto na condução da trama, o autor vai nos conduzindo pelo intrincado mundo acadêmico contemporâneo (anos 1990), com suas instituições, seus modos de consagração e organização do trabalho de investigação. O Departamento de História Medieval, “era o mais respeitado, mas era também o mais pobre!”, pois dele não se esperava “alguma coisa que prestasse para qualquer tecnologia”, mas os dirigentes do Instituto sabiam estar ali pesquisadores que não lutavam pelo poder, mas defendiam ardorosamente “os fins, impessoais, da instituição” (PESSOTTI, 1995, p. 9). Mais uma vez o autor destaca, como já citado, os que trabalham como ele os faz trabalhar e aqueles que trabalham extra-muros.

Como produção cultural e obra literária, o romance de Isaiás Pessotti consegue sintetizar de forma convincente e sedutora uma das utopias mais caras à ciência contemporânea: a sua interdisciplinaridade. Mais anunciada do que praticada em nossos departamentos universitários, no romance, pesquisadores com formações diversas, em um trabalho conjunto, colocam seus talentos, conhecimentos e sensibilidades a serviço da produção do conhecimento. Ao apresentar o departamento, o protagonista e narrador afirma:

A convivência no Departamento era estimulante: vivíamos trocando informações, crítica, sugestões e, muito raramente, desaforos. Com os (quase) imediatos pedidos de desculpas. Havia muito afeto entre nós, muito respeito pelas qualidades e “manias” de cada um (PESSOTTI, 1995, p. 8).

Na forma como Enrico vai apresentando os seus e as suas companheiras e o trabalho por todos desenvolvidos, o desejo e a paixão pelo conhecimento são parte da paixão pelas pessoas e pelo mundo. Ou, nas palavras de Clara, ao fazer um brinde: “A alguma coisa melhor que qualquer

**ELIANE MARTA TEIXEIRA LOPES
LUCIANO MENDES DE FARIA FILHO**

AS TENSÕES QUE PRESIDIRAM A
CONSTRUÇÃO DA CIÊNCIA MODERNA E OS
MODOS CONTEMPORÂNEOS DE PRODUÇÃO
DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO - ISAIAS
PESSOTTI

posse, qualquer *status*, melhor até que a conquista e a descoberta. Ao desejo!” (PESSOTTI, 1995, p. 60).

O erotismo não é apenas parte do jogo do conhecimento; mais do que isso, ele funda a própria possibilidade do conhecer, pois este implica necessariamente o outro.

Mas, também não poderia faltar, nas angústias e reflexões produzidas no âmbito de um departamento de história, aquelas relativas ao lugar social ou à tarefa dos historiadores. Não passa despercebido ao narrador que, nos conturbados anos de 1960, o questionamento do lugar do Departamento, que a sua insignificância não era concebida apenas no âmbito do próprio Instituto, mas reforçada pelos próprios movimentos, que colocaram, na fachada do edifício sede, o lema: “A história é feita pelos trabalhadores, mas escrita pelos opressores”. Em conclusão o narrador-protagonista observa: “[...] como historiadores, portanto opressores, não estávamos entre os trabalhadores. Assim, além de vilões, éramos, pela lógica dos *slogans*, uns odiosos parasitas”. (PESSOTTI, 1995, p. 9)

No entanto, apesar do desconforto de se ver representado como produtor de um saber inútil e pouco engajado nas lutas dos trabalhadores, ao longo do romance Enrico vai se descobrindo cada vez mais solidário com aqueles que, outrora, tiveram a coragem de lutar, pelo conhecimento e com o conhecimento, contra a prepotência e o arbítrio do poder constituído. Mais uma vez, a paixão pelo outro e pelo conhecimento se confundem, se co-fundem, como na passagem abaixo em que, animado por um bom vinho (*o Grumello*) e conduzido pelas reflexões de um velho maestro (Nino Astrolábio), Enrico busca os caminhos para decifrar um código secreto inscritos nos manuscritos:

Se eu quisesse decifrar aquelas marcas era preciso que me deixasse guiar, não só pelas inerências rigorosas da razão, mas também pelo que ditasse minha paixão. Não a paixão pela descoberta: era a paixão por uma causa, a daqueles pioneiros da luta contra o dogma e a prepotência. Não sei se por virtudes do Grumello, esqueci do que me cercava e, por um átmo, me pareceu que Emérico, Quirino e Remígio estavam à espera de alguém que mostrasse à luz do sol toda a injustiça do esquecimento secular de sua luta. Nino Astrolábio havia apontado o caminho, fazer falar as vozes que a prepotência havia calado (PESSOTTI, 1995, p. 275).

Nesse contexto, o protagonista se descobre partícipe de várias histórias simultâneas e ligado a todos aqueles que o precederam. A guerra de alguns monges medievais contra o obscurantismo e pela liberdade de “pensar e saber” era, também, a sua guerra. Dizia ele consigo mesmo:

Tive compaixão pelos homens da Officina e entendi bem o que significava ter em mãos os segredos daqueles pioneiros da liberdade de pensar e de saber. Se dependesse de mim, em menos de dois dias teríamos decifrado o fragmento de Matteo e o Mediavilla. Queria terminar logo essa tarefa, para poder pensar num artigo que avaliasse a contribuição da Officina para a história da ciência. Eu teria que estudar

**ELIANE MARTA TEIXEIRA LOPES
LUCIANO MENDES DE FARIA FILHO**

AS TENSÕES QUE PRESIDRAM A
CONSTRUÇÃO DA CIÊNCIA MODERNA E OS
MODOS CONTEMPORÂNEOS DE PRODUÇÃO
DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO - ISAIAS
PESSOTTI

muito, mas valeria a pena. E seria o meu tributo a eles. Minha contribuição para a revanche. Que eles pensavam nisso estava claro, pela escolha do versículo. Agora, Inova signa... fazia parte da mensagem secreta: portanto ela era, mesmo, um discurso de guerra (PESSOTTI, 1995, p. 292-293).

Essa guerra teria cumprido um papel fundamental na história da ciência e precisava ser escrita, trazida à luz, publicada. Isso porque, contrariando o senso comum que afirma que a ciência moderna teria sido gestada contra a religião, a equipe do Departamento vai demonstrando que a origem da ciência moderna se assenta no trabalho de monges e frades que se arriscavam para pensar e saber. E isso é realizado por meio de um meticuloso trabalho com as fontes, em que os indícios, os detalhes, são explorados com rigor, erudição e sensibilidade.⁷ Na história contada pelo narrador,

O *Cântico do Sol* é a semente histórica da ciência experimental. Francisco enxergou a natureza das coisas, a natureza do homem, a inarredável presença da existência, para além das categorias e silogismos. Ele percebeu quanto há de quimérico, na presunção de aprisionar nas palavras todos os modos de conhecer (PESSOTTI, 1995, p. 213).

O movimento, didaticamente exposto por Sandro, um dos professores da equipe, para que todos pudessem acompanhar, teria sido o seguinte:

Primeiro, Francisco de Assis como quem não quer nada, exalta as coisas da natureza, como manifestação de Deus. Depois Boaventura, que foi biógrafo de Francisco, portanto conhecia as suas ideias, legitima o conhecimento das coisas, como via eletiva para conhecer a Deus e, pois, para a perfeição mística. Mas mantém a visão poética da natureza, como um *pulcherrimum carmen*. [...] Bacon quer que essa indagação sobre a vida e as coisas seja menos poética e mais metódica, para que o conhecimento leve à verdade. Daí insistir na experiência, como critério de certeza (PESSOTTI, 1995, p. 215).

Seria essa busca metódica e o elogio à experiência que teria instituído a ciência moderna? No coração mesmo da igreja católica! Mas, não seria essa mesma busca metódica e a sua íntima relação com o mundo sensível, com as coisas da vida e com as pessoas, que estariam faltando à ciência e tecnologias contemporâneas?

**ELIANE MARTA TEIXEIRA LOPES
LUCIANO MENDES DE FARIA FILHO**

AS TENSÕES QUE PRESIDIRAM A
CONSTRUÇÃO DA CIÊNCIA MODERNA E OS
MODOS CONTEMPORÂNEOS DE PRODUÇÃO
DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO - ISAIAS
PESSOTTI

7. O modo muito corriqueiro e intenso como a palavra de indício e os procedimentos indiciários são mobilizados no livro nos leva a suspeitar que Isaias Pessotti era, no momento da escrita, leitor de Carlos Ginzburg, que em 1986 havia publicado o livro que, em 1990, foi traduzido no Brasil com o título de *Mitos, Emblemas e Sinais*, em que sistematizava sua proposição de um paradigma indiciário que articulava contribuições dos métodos de Freud, Morelli e Sherlock Homes para a pesquisa historiográfica. O artigo foi publicado a primeira vez, em 1979, em uma revista italiana com o título *Spie. Radici de um paradigma indiziario*.

Neste sentido, poderíamos dizer que o nome da personagem por quem Enrico se apaixona é sintomático: Clara. Evocando, evidentemente, a paixão terrena franciscana, o autor se esmera na produção de uma personagem marcante: inteligente, obstinada, sensível, bonita e sedutora. Mais do que outros membros da equipe do Departamento, Clara fazia uma defesa enfática da necessária aliança entre a razão e a paixão na busca (erótica) pelo conhecimento. É ela quem, em um momento de impasse da equipe, reclama e afirma: “Vocês não me seguem! Eu já disse que o caminho agora não é o da lógica. É preciso não selecionar os indícios. Deixar-se levar por todo eles. Sentir mais do que pensar” (PESSOTTI, 1995, p.284).

REFERÊNCIAS

ALMOYNA, J.M. **Dicionário de Espanhol-Português**. Porto: Porto Editora. 1951.

BARTHES, R. **Aula**: aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França. Pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. Tradução e pós-fácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix; Grupo Digital Source. Disponível em <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/160637/mod_resource/content/1/BARTHES_Roland_-_Aula.pdf>

BURKE, P. **Uma história social do conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003.

FERREIRA, M. dos S. **O Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo (1956-1961)**. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.

PESSOTTI, I. **Aqueles cães malditos de Arquelau**. Rio de Janeiro: Ed. 34. 1993.

_____. **O Manuscrito de Medivilla**. Rio de Janeiro: Ed. 34. 1995.

SPITZER, Pe. C. **Dicionario Analogico da Lingua Portuguesa**. Porto Alegre: Editora Globo, 1936.

ELIANE MARTA TEIXEIRA LOPES
LUCIANO MENDES DE FARIA FILHO

AS TENSÕES QUE PRESIDIRAM A
CONSTRUÇÃO DA CIÊNCIA MODERNA E OS
MODOS CONTEMPORÂNEOS DE PRODUÇÃO
DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO - ISAIAS
PESSOTTI